

**“LUTEMOS, MAS SÓ PELO DIREITO  
AO NOSSO ESTRANHO AMOR”:  
FOUCAULT E AS POSSIBILIDADES DE  
SUBVERSÃO NO AMOR**

*Marcela Zamboni*

“Não quero sugar todo o seu leite  
Nem quero você enfeito do meu ser  
Apenas te peço que respeite  
O meu louco querer.”

*Caetano Veloso  
(O meu estranho amor)*

### **Introdução**

A ideia de que a história é o reflexo do passado<sup>1</sup>, que existe verdade objetiva<sup>2</sup>, que a sexualidade é produto da natureza, que pode existir relação independente entre saber e poder<sup>3</sup>, e que os indivíduos são capazes de compreender e inverter a lógica do uso repressivo do poder<sup>4</sup> são apenas alguns

---

<sup>1</sup> Segundo Balbus (1987: p.133), a negação de conceitos como “história contínua”, “totalidade” e “sujeito em fusão” só existem no trabalho de Foucault como discurso. Há um outro discurso – latente – que se baseia nesses mesmos conceitos. Quando Foucault afirma que a sociedade ocidental nada mais é do que “a sucessão de diferentes complexos força/conhecimento, diferentes regimes de verdade”, aceita uma continuidade histórica: “a vontade de força/conhecimento através do qual ele (o homem) é criado e transformado”.

<sup>2</sup> Existiria uma auto-condição no trabalho de Foucault porque ao mesmo tempo em que afirma que a verdade objetiva não existe – mas apenas discursos – considera sua própria análise objetiva (Morrow, 1995: p.19).

<sup>3</sup> Foucault declarou numa entrevista, pouco antes de sua morte, que existe uma relação mais complexa entre saber e poder, explicitada anteriormente como uma relação de obrigatoriedade (Morrow, 1995: p.30).

<sup>4</sup> Esta ideia de que o sujeito é incapaz de escapar dos mecanismos de controle foi modificada em seus últimos trabalhos. Apesar disso, pesa sob o autor a crítica severa acerca da morte do sujeito.

conceitos e teorias que foram refutados por Foucault nos seus primeiros trabalhos. Algumas posições foram sustentadas durante toda a sua carreira, outras, no entanto, sofreram modificações bastante significativas.

Considerando a extensão e as críticas das mudanças adotadas no trabalho de Foucault, bem como o interesse específico deste trabalho – confiança nas relações amorosas – a utilização de sua obra estará restrita aos três volumes da *História da sexualidade*, além da publicação de algumas de suas entrevistas e de cursos por ele ministrados, que contribuam para a elucidação do tema proposto.

Foucault só conseguiu escrever quatro, dos seis volumes que desejava de *História da sexualidade*, apesar do último escrito não ter sido publicado. Em *História da sexualidade I* – escrito em 1976 – ele pretendeu compreender a criação histórica da sexualidade moderna. Marcada por discursos – é considerada também uma história de saber-poder. O discurso estaria ligado ao saber-poder, sendo impossível falar em um sem se remeter ao outro. A sexualidade não é considerada natural, mas criada a partir de discursos que dizem o que ela é ou não é, como uma forma de saber-poder. Os outros dois volumes, escritos oito anos mais tarde, apresentam uma preocupação menor com a história de uma sexualidade construída socialmente. O foco central recai sob o uso da sexualidade como objeto de compreensão da subjetividade (Morrow, 1995: p.15-18).

A última fase da obra de Foucault faz renascer o sujeito, sepultado nos seus primeiros trabalhos. No primeiro volume da *História da sexualidade*, havia uma relação inevitável entre o saber (arqueologia do saber) e o poder (genealogia do poder). Nos outros dois volumes da *História da sexualidade*, outra questão foi acrescentada a sua obra: as práticas que fazem o sujeito, ou a auto-experiência do sujeito sexual (Cardoso Jr.: 2005, p.343).

*O uso dos prazeres* diz respeito à forma com que a atividade sexual foi problematizada por médicos e filósofos, nos textos gregos e latinos do século IV a.C., na cultura grega clássica. *O cuidado de si* trata dessa problemática nos textos dos dois primeiros séculos da contemporaneidade. Por fim, a formação da doutrina e da pastoral da carne é encontrada no quarto volume: *As confissões da carne* (Foucault, 1998: p.16).

Neste trabalho, dois conceitos centrais serão relacionados: amor e confiança nas relações amorosas. Para tanto, esse texto será dividido em duas seções: a primeira (I) versará sobre as formas de viver e a sexualidade no mundo antigo – para que se possa compreender as ligações e refutações efetuadas pelo autor entre a antiguidade greco-romana e a modernidade. A segunda (II) seção será destinada ao estudo da sexualidade moderna – estando subdividida entre: II.a) os campos de saber e os tipos de normatividade sexual moderna e II.b) a sexualidade e as formas de subjetividade<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Deve-se lembrar que não há em Foucault uma discussão específica sobre confiança, havendo a necessidade de construí-la ao longo de sua leitura sobre a sexualidade.

## Das formas de viver e da sexualidade na antiguidade

O regime que assumiu um valor quase canônico foi encontrado no livro IV das *Epidemias* e trata da forma de se viver no mundo antigo. A dieta balanceada não se restringiria à comida ou à bebida. O sono e as relações sexuais (*aphrodisia*) também deveriam ser “medidos” (Foucault, 1998: p.93). Esse levantamento das formas de vida na antiguidade serviria para negar a existência de uma linearidade histórica, bem como para propor comparações dessa com a *scienciasexualis* do mundo moderno. As relações das técnicas de si com o regime das *Aphrodisia* foram discutidos a partir de quatro exemplos:

- Na interpretação dos sonhos: não se trata de uma definição moral, mas demonstra um jogo de correlações – entre as relações sexuais e a vida social – formado a partir de significações positivas ou negativas as quais se referem os sonhos. Pode-se falar ainda em um sistema de análises diferenciais que estabelece uma hierarquia de um conjunto de atos sexuais (Foucault, 1997: p.113).
- No exemplo dos regimes médicos: o problema central da sexualidade diz respeito ao seu momento e a sua frequência. A forma da relação sexual é pouco citada. Os estudos dos regimes propriamente ditos apresentam uma preocupação com a vida do indivíduo, orientando-o para o que havia de nocivo nas relações sexuais (Foucault, 1997: p.113-114). Os médicos tinham a tarefa de cuidar não só do corpo como também dos desvios do espírito. Dentre esses desvios, encontrava-se a loucura amorosa ou das paixões – energia contrária à razão (Foucault, 1999b: p.61).
- Em relação à vida dos casados: pode-se dizer que já havia a condenação do adultério, considerando como fundamental a função de procriação do casamento.
- Na escolha dos amores: Plutarco destacava que só poderia existir reciprocidade no prazer entre os sexos opostos<sup>6</sup> (Foucault, 1997: p.113-115).

Em relação aos sonhos, podem-se citar os “teoremáticos” – que antecipam o acontecimento de uma ação futura – e os “alégóricos” – que dizem respeito a uma relação indireta, ou seja, onde as imagens deveriam ser interpretadas. O sonho com prostitutas, por exemplo, poderia significar o prenúncio simbólico da morte, através do desperdício do esperma – já que esse tipo de atividade

---

<sup>6</sup> Por outro lado, existia uma dificuldade em justificar as relações sexuais entre os homens. O diálogo do pseudo-Luciano aborda o tema a partir da relação que estabelece entre as relações sexuais e a amizade, a virtude e a pedagogia (Foucault, 1997: p.115).

sexual não era exercido com o intuito de gerar descendente. Segundo Artemidoro, existiria uma separação entre os sonhos daqueles que tinham uma alma virtuosa e dos que possuíam uma alma comum. Os sonhos teoremáticos e os alegóricos ocorriam com maior frequência no primeiro ou no segundo caso, respectivamente (Foucault, 1999b: p.19-28).

A atividade sexual era menos importante do que a preocupação com os alimentos ingeridos na reflexão dietética. Além disso, não havia uma preocupação com as formas estabelecidas nas relações sexuais, mas com a frequência e o contexto em que deveriam ocorrer (Foucault, 1998: p.104-105).

A preocupação central dos gregos na reflexão moral sobre o comportamento sexual era definir o uso dos prazeres. Tinha-se uma inquietação muito mais “dietética” do que “terapêutica”. O equilíbrio da alma estava condicionado ao equilíbrio do corpo, daí a preocupação em mantê-lo saudável. A dietética era considerada uma técnica de existência porque ia além dos conselhos médicos. O regime proposto pelos gregos transformava tanto o corpo quanto a alma (Foucault, 1998: p.89-97). A ação moral não era reduzida simplesmente à obediência a um conjunto de leis e valores. Além da relação estabelecida com o real, tinha-se uma “consciência de si”, definida a partir de “modos de subjetivação”. Não se poderia falar em ação moral sem conectar os elementos reais da ação às formas de atividades sobre si (Foucault, 1998: p.28-29). Além disso, deve-se dizer que não existia um sujeito moral universal. As práticas de sujeição ou as práticas de liberação – a exemplo do mundo greco-romano – constituem esse sujeito. O debate médico e filosófico da associação entre a atividade sexual e a morte reaparece na própria ideia de reprodução, como forma de minimização da finitude humana. Tanto em Platão quanto em Aristóteles, gerar descendentes era uma forma de imortalizar-se. A preocupação com o vigor do corpo – com fins reprodutivos – para a união entre os sexos era definida pela idade. Para as mulheres, o casamento deveria ocorrer por volta dos dezoito anos, e para os homens, com trinta e sete anos ou menos. Os movimentos do ato sexual e a expulsão do sêmen geravam alterações no corpo, deixando-o mais aquecido ou resfriado; ressecado ou úmido. Assim, a atividade sexual era considerada importante na medida em que modificava o equilíbrio do corpo. Devia-se pensar nas combinações ideais entre os elementos do mundo exterior e o corpo humano. Desta forma, a reflexão dietética não definiria um padrão ideal em relação ao número de vezes com que a atividade sexual poderia ser realizada e nem ao ritmo que se deveria estabelecer. Por outro lado, pensava-se que o excesso da prática sexual costumava trazer doenças e acometer os recém-casados e as pessoas propensas às relações sexuais com um alto nível de frequência. Os atos injustos praticados durante toda a vida e, especialmente, no período da fecundação, poderiam alojar-se na alma e no corpo da criança gerada,

tornando-a miserável. A qualidade do sêmen produzido dependia da forma com que o indivíduo cuidasse do seu corpo e da sua alma, como uma imagem antecipada do filho desejado. A relação sexual para as mulheres grávidas era considerada importante porque evitava dificuldades no parto. Por outro lado, não deveria haver excessos, para que o bebê não corresse o risco de nascer fraco ou o feto não sofrer um aborto espontâneo (Foucault, 1998: p.105-130).

Segundo Foucault (1999b), Galeno classificava o ato sexual como um tipo de convulsão que acontecia quando há uma tração do nervo sobre o músculo e que tinha como princípio “certo estado de *secura* (que esticava os nervos como uma corda deixada ao sol) ou de *repleção* (que ao inflar os nervos os encurtava e puxava exageradamente sobre os músculos)”. O ato sexual poderia deixar o organismo vulnerável e produzir uma série de sintomas polimorfos. É por isso que a virgindade era considerada uma escolha, um estilo de vida que privilegiava o cuidado de si, através da forma elevada de existência. Os efeitos decorrentes da atividade sexual poderiam ser terapêuticos, mas também produzir um conjunto de patologias. Quando se referia aos efeitos curativos, Galeno dizia que o ato sexual predispunha a alma à tranquilidade – deixando o homem furioso ou melancólico num estado mais sensato – e arrefecia o ardor descomedido mesmo daquele que mantivesse relação sexual com outra mulher. Em relação à vida dos casados, há uma imprecisão documental das práticas matrimoniais no mundo helênico e romano relativas às diferentes regiões e às diversas camadas sociais. *A República e as Leis* de Platão, *AEconômica*, de Xenofonte, *Política* e a *Ética* de Nicômaco e a *Econômica* do pseudo-Aristóteles foram os grandes textos clássicos que trouxeram reflexões sobre o casamento. Esses trabalhos discutiam não só as questões relativas à gestão da casa e à criação dos filhos, mas tratavam também das relações pessoais dos casais, particularmente valorizadas. Na sociedade pagã, alguns dados históricos são relevantes. Em primeiro lugar, o casamento não era um ato que demandava a intervenção do poder público, mas uma transação privada entre dois homens, o pai e o futuro marido. Além disso, as práticas matrimoniais dependiam dos interesses das partes e envolviam “efeitos de direito”, apesar de não serem de natureza jurídica. O casamento era uma prática de poucos<sup>7</sup> e correspondia a interesses privados, tais como a transmissão do patrimônio aos descendentes e a perpetuação da casta dos cidadãos. Em seu modelo antigo, o casamento era efetivado, pois envolvia questões relativas ao direito – apesar de seu caráter privado – ou à posição social – definição de herdeiros, mudança do nome, junção dos bens econômicos. Os estoicos eram a

---

<sup>7</sup> Apesar da constatação do casamento como uma prática de poucos, observou-se, em inscrições sepulcrais, uma relativa estabilidade das relações matrimoniais em espaços não aristocráticos, e ainda entre os escravos (Foucault, 1999b: p.82).

favor do casamento, ao contrário dos epicuristas, que se opunham, em princípio, a tal ideia. Para os primeiros, o casamento era um ato natural e racional, não uma escolha guiada pelo desejo, mas antes de tudo, um dever moral. A diferença entre os epicuristas e os estóicos estava localizada entre a conjuntura e o dever do casamento. Os epicuristas não admitiam a ideia do casamento como obrigação. Segundo Santoro (2007: p.206), a certeza firme e constante era a maior preocupação do sujeito estóico. Dever-se-ia manter a transparência do raciocínio. As paixões tomariam de arroubo apenas os fracos e os iludidos. Para Foucault, os textos apresentados sobre o matrimônio não traduzem as práticas sociais da Antiguidade. Deve-se discuti-los, decerto no que eles têm de particular e fragmentado. Pode-se apontar para a relação de casamento entre homens e mulheres como a mais privilegiada e que se encontra, dentro de uma ordem classificatória, acima das relações sanguíneas e de amizade. “A mulher-esposa é valorizada como o outro por excelência; mas o marido deve reconhecê-la também como formando unidade com ele”. No Egito helenístico de fins do século IV e III a.C., as obrigações matrimoniais masculinas estavam ligadas à manutenção da esposa, não obrigá-la a conviver com uma concubina em sua própria casa, não maltratá-la e não ter filhos das relações sexuais que mantivessem fora do casamento. No que concerne às obrigações da esposa, ela devia obediência a seu marido, não podia sair de casa desacompanhada, era obrigada a manter relações sexuais apenas com seu marido e não podia cometer qualquer outro ato que pudesse desonrá-lo. No entanto, as restrições do marido crescem consideravelmente. Há uma cobrança deste em relação ao sustento da mulher. Além disso, lhe foi vetado o antigo direito de ter uma amante. As relações do marido com outras mulheres não eram problemáticas pelo ato sexual em si, mas pelo “desregramento” que produziam. O ato sexual significava um golpe para a esposa legítima. Plutarco compara a reação das mulheres à dos gatos que sentem o odor da traição (Foucault, 1999b: p.171-175).

O verbo *aphrodisiazēin* – correspondente ao termo *aphrodisia*<sup>8</sup> – possui vários significados. Em primeiro lugar, pode-se utilizá-lo como uma atividade sexual em geral. De forma mais restrita, a palavra *aphrodisiazēin* pode significar a função “ativa” – definida pela penetração, ou a função “passiva” – o papel passivo do parceiro-objeto. A ideia de “ativo” e “passivo” é corroborada por Aristóteles quando diz que a fêmea é um elemento passivo e o macho, um elemento ativo. Entre os gregos, a oposição entre ativo e passivo delimitava tanto o comportamento sexual quanto a atitude moral. A relação sexual entre os homens não definia, em si, a feminilidade deles. Para não serem considerados efeminados os homens precisavam ser ativos no domínio de si e na relação sexual (Foucault,

<sup>8</sup> O termo *aphrodisia* foi definido como forma de agir, de gesticular e de tocar que proporcionam certo tipo de prazer (Foucault, 1998: p.39).

1998: p.45-79). Portanto, a passividade em relação aos prazeres era inadmissível por estar relacionada fundamentalmente à atitude moral e ao comportamento sexual<sup>9</sup>.

Tanto de forma geral quanto de forma restrita, pouco se pode falar sobre o amor entre os gregos, devido ao número reduzido de textos, quase todos ligados à corrente sócrático-platônica. Logo, esse parco material, produzido por Antístenes, Diógenes, Teofrasto e Aristóteles, não pode ser utilizado para traduzir o pensamento grego clássico, mas será utilizado como uma referência pouco precisa (Foucault, 1998: p.172).

Segundo Sócrates, existiriam dois desejos que nos governam: o dos prazeres – inato; e o do desejo adquirido – considerado o melhor deles. Quando um desejo nos governa de forma descomunal e insensata, tem-se a desmedida (*hybris*), que pode assumir várias formas, tais como o alcoolismo, a paixão, a gula. A temperança (*sophrosyne*) surge quando as opiniões sensatas nos dominam. Em referência à forma de vida ideal, ele sugere a combinação entre o prazer e o pensar (Santoro, 2007: p.129-147).

A Erótica platônica é considerada uma disputa amorosa, sendo Afrodite, Eros e Dionísio, os deuses invocados. Vários discursos estão presentes, tais como o médico, o heróico, o moralista, o filosófico, o do tragediógrafo, o da sacerdotisa, o do general, o do comediógrafo. “A inspiração, a virtude, a harmonia, a plenitude, a beleza, a carência, a iniciação e, para arrematar, sempre ela: a ironia” (Santoro, 2007: p.80-85). O fundamento de Eros se dá a partir da relação da alma com a verdade. O verdadeiro amor pode ser encontrado com a fuga do gozo físico. Isto não significa que ocorre uma decifração de si por si e uma interpretação do desejo que depende do sujeito temperante. Pode-se dizer que há uma condição estrutural instrumental e ontológica da verdade com o sujeito temperante (Foucault, 1998: p.82).

Empédocles foi o primeiro a formular conceitos importantes para definir uma teoria naturalista do amor. Segundo ele, o amor (*philotés*) seria um ímpeto agregador da natureza e o ódio (*neikos*), um ímpeto desagregador. “Para Erixímaco, a mântica cuida de observar os que amam e se empenha em curá-los e salvá-los – ela é a artífice das afecções entre deuses e homens – buscando a justiça divina e a piedade?”. Em Erixímaco, o amor é uma tarefa ou obra que deve ser concluída (Santoro, 2007).

As imagens poderiam representar um risco ou desgraça às relações amorosas. Na literatura amorosa, o olhar era tido como o transmissor mais

---

<sup>9</sup> Em espaços mais tradicionais, há uma discussão contemporânea em torno da ideia de ser passivo ou ativo na relação sexual entre os homens. Há de se questionar a importância desse debate para a construção da identidade do sujeito e a relação de confiança estabelecida entre os parceiros.

seguro da paixão. Ovídio dizia que o amor iria ser conservado se o corpo não fosse exposto durante o dia, para ocultar as suas imperfeições. A forma de se ver livre de um amor era manter relações sexuais sem a penumbra necessária: “falhas do corpo, sujeiras e manchas ao despertar se imprimem no espírito e fazem nascer a repugnância”. Desde o fim da Antiguidade, o debate sobre as imagens e seus aspectos negativos girava em torno do risco da boa conduta sexual (Foucault, 1999b: p.141). Nas relações amorosas, a orientação era ocupar-se de si sem o auxílio de um outro. Galiano dizia que o homem que ama demais a si mesmo é capaz de curar-se sozinho de suas paixões (Foucault, 1997: p.125).

“A temperança (*sōphrosunē*) é uma espécie de ordem e de império (*kosmoskaienkrateia*) sobre certos prazeres e desejos”. Segundo Aristóteles, a *sōphrosunē* não suprime o desejo, mas o domina. A relação entre prazeres e desejos é uma forma de luta. O embate é travado não só contra o adversário, mas consigo mesmo. A derrota mais temida é a auto-derrota (Foucault, 1998: p.61-66). O cuidado de si (*epimeleisthaiheautō*) era considerado um privilégio social, sinal de distinção, em contraposição aos que precisavam servir ou ocupar-se de um ofício por necessidade de sobrevivência. A possibilidade do auto-cuidado, portanto, advinha de uma posição de riqueza e desejado status (Foucault, 1997: p.121). As “*artes da existência*” deveriam ser compreendidas como normas de condutas definidas pelo próprio indivíduo e para si mesmo, bem como formas de transformações pessoais relacionadas a certos valores estéticos e estilísticos (Foucault, 2006: p.198-199).

O debate sobre o corpo, o casamento como instituição, a relação entre mulheres e homens e a sabedoria, formaram na Antiguidade uma “quadri-temática”. O cuidado com a austeridade sexual parecia ser reformulado constantemente. Esses quatro temas não confluíam com o modelo criado pelo mundo civil e religioso (Foucault, 2006: p.208). Para falar sobre o comportamento sexual grego clássico, Foucault (1998: p.31) utilizou a noção de “uso dos prazeres”, identificando os modos de subjetivação relacionados: substância ética, tipos de sujeição, teleologia moral e formas de elaboração de si. Em seguida, investigou a forma com que os pensamentos médicos e filosóficos elaboraram esse “uso dos prazeres” e definiram alguns assuntos de austeridade muito presentes em algumas bases centrais da experiência: as relações com o corpo, os rapazes, as esposas e a verdade. Tal investigação foi desenvolvida a partir de práticas culturais gregas que tinham um status, uma existência e uma regra: a prática da gestão da casa; a prática do regime de saúde e a prática da corte amorosa. A partir da quadri-temática supracitada, alguns conceitos ou definições servirão para compor uma concepção do amor e da confiança nas relações amorosas baseada nos estudos de Foucault sobre a sexualidade no mundo antigo:



1. As interpretações dos sonhos alegóricos e teomáticos serviriam para definir os modos de ser do sujeito e as formas de significação. Dentre as práticas que podem servir de guia para a elaboração de tais noções, tem-se a condenação das relações homossexuais, o descuido com o vigor do corpo e os atos considerados injustos, todas com vistas à procriação.
2. O estudo de Foucault sobre a sexualidade no mundo antigo não apresenta definições explícitas acerca do amor. Portanto, esse tema será tratado a partir da quadrimática apresentada. A leitura sobre a realização do vínculo matrimonial poderia se dar segundo uma determinada conjuntura (epicurista) ou como dever social (estóico). Essa oposição entre o prazer e o dever do casamento pode ser relacionada à concepção socrática da existência de dois prazeres, o inato e o adquirido. Por outro lado, pode-se indagar: o amor seria inato, construído socialmente ou as duas coisas? Tem-se mais de uma resposta para entender o amor na antiguidade, todas baseadas na relação entre corpo e alma<sup>10</sup>. Três teorias do amor serão elencadas aqui e retomadas ao final do texto, quando da apresentação da confiança nas relações amorosas baseada nos estudos de Foucault:
  - a. Teoria naturalista do amor (Empédocles);
  - b. Teoria do amor como obrigação moral (estóicos);
  - c. Teoria do amor contingencial (epicuristas).

Essas teorias estariam atreladas ao conceito de ação moral, que considera tanto o conjunto das leis como a consciência de si ou os modos de subjetivação dos sujeitos reflexivos. Foucault demonstrou em seu estudo sobre a sexualidade na antiguidade, entre outras coisas, que não se deve pensar na história como a continuidade do passado. Da mesma forma, o conceito de confiança nas relações amorosas, neste trabalho, não será apresentado segundo um contínuo histórico<sup>11</sup>.

As exigências de austeridade não eram organizadas de forma homogênea e única. Os diversos focos de dispersão tinham origem nos movimentos filosóficos e religiosos. Apesar de algumas proximidades terem sido levantadas entre a antiguidade clássica e a moral cristã, não se pode concluir que existiu uma linearidade do comportamento sexual. Na antiguidade, a austeridade sexual estava ligada ao exercício do poder e da prática da liberdade estilística. Na moral cristã,

---

<sup>10</sup> Deve-se lembrar que o material disponível não é suficiente para compreender a noção de amor de maneira ampla e diversa.

<sup>11</sup> A descontinuidade entre o mundo grego e o cristão foi enfatizada por Foucault, através da demonstração de que não houve uma variação contínua entre um tipo de sociedade mais permissiva – a antiguidade clássica – e outra mais rígida e controladora – o mundo cristão.

a austeridade se conectava às normas proibitivas essenciais (Foucault, 1998: p.23-25). A austeridade sexual está presente nos discursos dos médicos e filósofos, nos dois primeiros séculos da antiguidade. Enquanto os médicos sugerem que a abstenção é preferível ao uso dos prazeres, os filósofos destacam a importância da fidelidade no casamento (Foucault, 1999b: p.231). A atividade sexual não era considerada, pelos médicos e filósofos da antiguidade greco-romana, como um mal em si, mas apenas na medida em que gerava certos efeitos tidos como negativos aos cuidados do corpo e da alma.

Foucault – analisando a erótica grega – aponta para uma “estética da existência” ou uma forma de estilização da vida. Depois de ter realizado um levantamento sobre a relação entre as formas de viver e as práticas sexuais do mundo antigo, a sexualidade moderna e suas implicações entrarão em cena.

### **A sexualidade moderna – entre os campos de saber, os tipos de normatividade e as formas de subjetividade**

O problema da repressão, presente no primeiro volume da história da sexualidade, surgiu acompanhado – no volume II deste mesmo trabalho – de um outro elemento considerado fundamental nos escritos de Foucault: o âmbito científico. Isso não significou uma redução da importância desse problema, mas uma nova forma de abordagem do poder. Pretendeu-se, fundamentalmente, entender os caminhos percorridos pelo poder e a forma como ele é exercido, e não uma resposta que indicasse de onde ele viria e para onde ele iria (Foucault, 2006: p.73). Não se tratava, portanto, de explicar origem e evolução do poder, mas de enfatizar as possibilidades e formas de subjetividade desse poder.

Uma das questões abordadas em todo o seu trabalho sobre a sexualidade foi a austeridade sexual. Para pô-la em prática podia-se agir a favor das normas definidas socialmente, obedecendo aos padrões de condutas impostas, renunciar de forma plena e definitiva aos prazeres, estabelecer um embate permanente, através de uma investigação acurada das possibilidades e formas do desejo, mesmo aquelas ocultas. Deve-se ainda citar a *teleologia* do sujeito moral, já que não se pode falar unicamente de uma moral em si mesma, devendo-se tocar no conjunto de condutas morais construído socialmente (Foucault, 2006: p.213).

#### **a) Da relação entre a sexualidade e os saberes-poderes**

No início do século XIX, o termo sexualidade foi adotado para demarcar tanto um novo conjunto normativo como aqueles já existentes. O projeto estava relacionado com uma história da sexualidade entrelaçada entre campos de saber,

tipos de normatividade e formas de subjetividade (Foucault, 1998: p.09-10). A sexualidade foi exaustivamente discutida no século XIX porque falava ao mesmo tempo da vida do corpo e da vida da espécie. Tornou-se não só a saída para desvendar a individualidade, como também tema de campanhas ideológicas. Os controles médico, familiar, psiquiátrico e pedagógico não só negavam as sexualidades errantes e improdutivas. Em verdade, tais mecanismos incitaram tanto o prazer quanto o poder. Prazer em exercer o poder de questionar, fiscalizar e revelar; e por outro lado, prazer em escapar dos mecanismos de controle impostos. O prazer e o poder não se oporiam de forma alguma. Estariam ligados através dos mecanismos de excitação e de inibição (Foucault, 1999a: p.45-137). A arte erótica de ter mais prazer ou dar mais prazer e as formas de fazer amor não foram ensinadas no ocidente. Em seus lugares, tinha-se uma provável ciência sexual (*scientia sexualis*) que tratava da sexualidade das pessoas, e não das formas de obtenção de prazer. O problema das possibilidades ou formas de prazer cedeu espaço à verdade do sexo, ou seja, a verdade sobre o sexo ou a sexualidade do indivíduo (Foucault, 2006: p.61). A confissão foi transformada numa técnica de subjetivação, contrariamente à técnica de objetivação, realizada através do exame. “*O animal de confissão*” – o homem ocidental – a quem Foucault se refere – apregoava o poder libertador ou o movimento de resistência em relação à objetivação do biopoder. Contrário a essa posição libertária, o autor mostrou que numa confissão, tem-se um interrogador e um interrogado:

“Aquele que escuta não será simplesmente o dono do perdão, o juiz que condena ou isenta: será o dono da verdade. Sua função é hermenêutica. Seu poder em relação à confissão não consiste em exigí-la, antes de ela ser feita, ou em decidir após ter sido proferida, porém em constituir, através dela e de sua decifração, um discurso de verdade” (Foucault, 1999a: p.66).

Essa problematização do desejo é seguida da indagação acerca do amor verdadeiro que findará numa concepção unitária: “a que separa as conjunções de um sexo ao outro e as relações internas de um mesmo sexo”. Dentro da relação estabelecida entre verdade e desejo, os novos mecanismos são criados para que o indivíduo diga a verdade sobre o sexo (Cardoso Jr.: 2005, p.347).

Considerando que o ponto de intersecção da análise do sujeito de desejo encontra-se entre uma arqueologia<sup>12</sup> das problematizações e uma genealogia<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Análise dos arquivos (textos) que definem o jogo das regras dos enunciados em seus momentos de aparição e reclusão, sua existência como coisa e acontecimento, apresentada de forma paradoxal (Charaudeau e Mainguenu: 2004, p.59-60).

<sup>13</sup> Investigação da história com o intuito de apontar as relações de poder que originaram ideias, valores, crenças ou normas. Segundo Lechte, a “história efetiva” (Nietzsche) com vistas à intervenção do presente.

das práticas de si, Foucault (1998: p.16) substitui a história dos sistemas de moral pela história das problematizações éticas.

Um saber excessivo ou ampliado sobre a sexualidade foi produzido no mundo ocidental. Em formas teóricas ou simplificadas, um “supersaber” – num plano sócio-cultural, não individual – tratava do discurso da sexualidade, da ciência sobre a sexualidade, da teoria sexual ou do saber sobre a sexualidade. Sem negar a Psicanálise, Foucault (2006: p.58-60) sugeriu que um saber coletivo sobre a sexualidade fosse formado, e não aquele do “desconhecimento pelo sujeito de seu próprio desejo”.

A imposição de algumas práticas – relativas à moral cristã em detrimento da cultura greco-romana – foi veementemente refutada pelo historiador Paul Veyne<sup>14</sup>. Segundo ele, não foi o cristianismo que impôs às sociedades antigas a prática monogâmica; a função privilegiada ou principal da atividade sexual com fins reprodutivos já existia na antiguidade, bem como a desqualificação da prática sexual extraconjugal. Tais práticas já eram adotadas no mundo romano antes mesmo do cristianismo, em geral, advindas do estoicismo. Nas palavras de Foucault (2006: p.63-64):

“a poligamia, o prazer fora do casamento, a valorização do prazer, a indiferença em relação aos filhos já havia desaparecido, no essencial, do mundo romano antes do cristianismo”.

Com o intuito de definir uma diferenciação entre a moral antiga e a ética moderna, faz-se necessário pensar na relação dessas com a verdade. Na última, a moral seria colocada a partir do desejo, com a sua hermenêutica purificadora. Na antiguidade clássica, pode-se falar no prazer, com a estética de seu uso (Cardoso Jr.: 2005, p.347). Os novos mecanismos de controle impostos no mundo cristão servem como resposta à seguinte indagação: o que mudou no cristianismo em relação às práticas morais já existentes na antiguidade? Se as práticas já existiam, por que uma nova realidade cultural foi criada? O mundo cristão é formado de uma cobrança absoluta em relação à obediência social, diferentemente do mundo greco-romano. A salvação obrigatória é fortemente pregada pela igreja. A contribuição fundamental do cristianismo à história da sexualidade teria sido então a técnica de interiorização da norma, ou a técnica do “despertar de si sobre si mesmo” (Foucault, 2006: p.65-71).

Não resta dúvida de que modalidades de controle sexual foram adotadas tanto na antiguidade clássica quanto na sociedade moderna. A questão que precisa ser colocada refere-se às possibilidades de mudança daqueles que são afetados pelas normas impostas socialmente, e na relação dessas com a possibilidade de

---

<sup>14</sup> Foucault destaca o trabalho do historiador francês Paul Veyne, a quem credita confiança no estudo que se opõe às outras leituras sobre a sexualidade na antiguidade.

confiança nas relações amorosas. A resposta a essa indagação poderá ser dada a partir da discussão entre a sexualidade moderna e as formas de subjetividade discutidas a seguir.

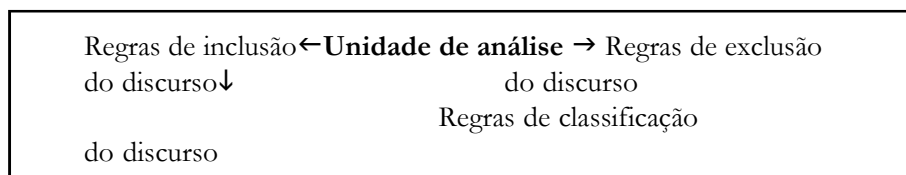
### **b) Da relação entre a sexualidade e as formas de subjetividade**

Comparada às outras relações de poder, a sexualidade é um elemento dotado de grande instrumentalidade. Um número considerável de estratégias pode ser utilizado, servindo de ponto de apoio e de aliança. A sexualidade, originalmente, esteve centrada na aliança, tendo passado para uma problemática da ‘carne’ – a partir da atuação da nova pastoral – ou seja, da natureza e dos prazeres do corpo (Foucault, 1999a: p.98-102).

Os ingredientes éticos do comportamento sexual na moral cristã são definidos a partir de um conjunto de normas que levam o sujeito à renúncia de si, em nome da pureza e da virgindade. Na reflexão moral da Antiguidade, pode-se dizer que há uma “estilização da atitude e uma estética da existência”. O sujeito moral era caracterizado no domínio perfeito de si.

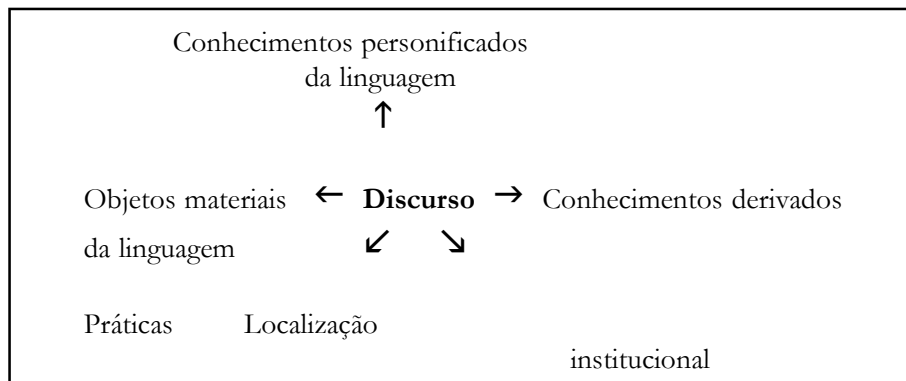
Para Foucault, as formas de subjetividade deveriam ser trabalhadas a partir das regras de inclusão, exclusão e classificação, contidas nos discursos e tomadas como unidades de análise (quadro 01).

#### **Quadro 01**



Observa-se, no quadro abaixo, que os discursos incluem os conhecimentos personificados ou derivados da linguagem (falada ou escrita), as práticas (observadas no cotidiano) e os objetos materiais (livros, CDs, etc.). A localização institucional também é um elemento importante nos discursos (Morrow, 1995: p.17).

## Quadro 02



O sentido da linguagem não se encerra com o que é dito. O significado subliminar ou submerso ganha importância na medida em que não é sufocado pela forma manifesta e apreendida. Assim, esse significado ofuscado ou obscuro – conhecido pelos gregos como *allegoria* ou *hyponia* – seria mais importante que o manifesto. Por outro lado, a linguagem pode ser articulada às formas não verbais, denominadas pelos gregos, grosso modo, como *semäion*. A transmissão de conhecimento pode ser realizada também a partir dos gestos e das ausências da fala (Foucault, 2005: p. 48).

Não há um discurso e um outro contraposto. Dentro de uma mesma estratégia, podem-se encontrar discursos dissonantes. Como disse Foucault (1999a: p.97):

“Não se trata de perguntar aos discursos sobre o sexo de que teoria implícita deriva, ou que divisões morais introduzem, ou que ideologia – dominante ou dominada representam; mas, ao contrário, cumpre interrogá-los nos dois níveis, o de sua produtividade tática (que efeitos recíprocos de poder e saber proporciona) e o de sua integração estratégica (que conjuntura e que correlação de forças torna necessária sua utilização em tal ou qual episódio dos diversos confrontos produzidos)”.

Existem no mínimo quatro definições do conceito de discurso em Foucault: discurso autônomo como ‘regras-vinculadas’ (rule-bound) aos sistemas de declaração, discurso, ‘práticas não discursivas’ e ‘discursivas’, saber-poder e discurso como ‘discurso’, como uma grande meta-narrativa contra o racionalismo Iluminista. Mas antes de tudo, o conceito de discurso é utilizado como uma estratégia metodológica que fratura e desmonta ideias, objetos e conceitos (Caldwell, 2007: p.772).

Segundo Morrow (1995: p.18), os sujeitos deixariam de existir sem os discursos, assim como a sexualidade e as subjetividades humanas – compostas

de conhecimentos, normas e valores apreendidos, internalizados e reproduzidos de forma discursiva pelos indivíduos. No entanto, se o sujeito e a sexualidade não existissem fora dos discursos que produzem o saber-poder, a liberação sexual do sujeito também não seria possível. Contra a posição de Morrow, defende-se que não é necessário falar em uma teoria da ‘prática’ ou em um conceito da teoria porque discurso é prática. Para Foucault, o discurso subsume o sujeito, não porque o sujeito é meramente um efeito do discurso, mas porque as ações da fala e da ação apresentam-se de forma inseparável nas práticas discursivas. O discurso pode referir-se a amplas ‘formações discursivas’ e ao ‘domínio geral’ de todas as declarações, quase todas as atividades através das quais os sentidos, os *sebes* e os objetos do conhecimento são constituídos (Caldwell, 2007: p.772-773).

As práticas discursivas são definidas como um jogo de prescrições que apresenta escolhas e exclusões, não sendo, portanto, um sistema de tipo lingüístico ou lógico. Por outro lado, o seu significado não se encerra no que elas têm de produtoras de discursos. Normalmente, são formadas por um conjunto rebuscado e transformado fora delas – em instituições políticas e sociais e nelas mesmas – através do acúmulo de informações, das técnicas de reconhecimento dos objetos ou da nova elaboração do conceito (quadro 03) (Foucault, 1997: p.11-12).

**Quadro 03**



A imersão na Grécia clássica pode ser justificada no trabalho de Foucault na medida em que ele acreditou numa vigência milenar da subjetividade que conecta as formações discursivas ou práticas discursivas da *epistememoderna* e os mecanismos de poder da atual sociedade. Em nosso tempo, ecoa uma história longínqua: a história de como se tornar sujeito através das *práticas de si*. Segundo Foucault (1997: p.109-112), os procedimentos que caracterizam as técnicas de si servem para definir identidades, modificando-as ou não, a partir dos fins propostos, através das “relações de domínio de si sobre si ou do conhecimento de si por si”. Essas tecnologias de si levam o indivíduo a uma reflexão acerca dos modos de vida, formas de existência, controle de sua própria conduta, etc. Para Miskolci (2006: p.11-12), a estética da existência só acontece quando há uma desconstrução de identidades impostas, criadas pelas representações sociais. Ela objetiva inverter as relações baseadas na tradição e na norma e surge como possibilidade de transgressão. Tais mudanças, geradas a partir de novas formas de relação consigo e com os outros, demandam um esforço muito grande na recusa de oposições que aprisionam, tais como a oposição entre corpo e alma.

Algumas noções de verdade da consciência do *self* ou dos sujeitos autônomos são historicizadas porque os conceitos de individualidade, racionalidade, intencionalidade e motivações inconscientes estão relacionados com o discurso dos saberes e poderes (Caldwell, 2007: p.780). No entanto, o conceito de verdade não possui um valor ontológico e naturalista, mas um valor instrumental, na disputa dos mecanismos sexuais de controle.

O corpo é formado pelo organismo – disposição do corpo que objetiva adaptar o prazer – potência de transformação ou de criação constituinte dele. O prazer seria o seu lado criativo ou transformacional que estabelece contato com outros corpos, com ideias, com imagens, etc. Deve-se estabelecer uma oposição entre o corpo-prazer – forças de resistência criativa – e o corpo-carne, para deixar evidenciado que é possível driblar o controle (Cardoso Jr.: 2005, p.345). Caldwell (2007: p.780-786) afirma que apesar de Foucault ter sido contrário ao naturalismo e à cisão corpo-mente quando se referiu aos ‘corpos dóceis’ como objetos sem face, não apresentou uma teoria que sustentasse a agência personificada ou a sua corporificação. Esta posição será rejeitada neste trabalho por se acreditar que o agente é corporificado no discurso, considerando a composição do conceito de discurso apresentado: os objetos materiais, os conhecimentos personificados da linguagem, os conhecimentos derivados da linguagem, as práticas e a localização institucional. Para Cadwell, a leitura de Foucault do corpo parece estar em desacordo com a confiança cognitiva do racionalismo iluminista e da objetificação científica do corpo; e com o dualismo cartesiano e as fundações naturalistas do *self*. A ideia de tempo que envolve a personificação do corpo permite que haja um abandono das noções essencialistas



das diferenças sexuais e do comportamento de gênero. Por outro lado, considerar o corpo como um sujeito “sem face” implicaria num excesso de ênfase da construção simbólica e discursiva e na negligência das dimensões sociais, materiais e institucionais das normas de gênero. O corpo não é determinado previamente, mas apenas com os discursos. O *self* e o conhecimento do corpo não são fixos. Há apenas uma imposição definida historicamente e uma resistência voluntária.

No trabalho de Foucault, as determinações binárias de sexo e de gênero não são suficientes para tratar da questão do desejo do sujeito. Mais que isso, elas serviriam para reforçar os mecanismos de controle social e as práticas de sujeição. As práticas de liberação são possíveis porque não possuem uma única chave reveladora do desejo. Foucault utiliza o exemplo de Herculine Babin<sup>15</sup> – corpo hermafrodita ou intersexuado – para negar a categoria de sexo, e, portanto, as estratégias reguladoras por ela formadas. Por não acreditar na correlação necessária entre sexo e significados e funções corporais, ele considera que há um aumento do prazer para além dos muros que impõem uma relação binária. O exemplo de Herculine demonstraria então um universo não regulado dos prazeres anteriores à lei. Para Foucault, essa noção de sexo foi criada a partir da distribuição da sexualidade. Uma oposição binária entre os sexos surgiu com a utilização de sexo como um conceito advindo do modelo jurídico. A saída para subverter esses opostos binários estaria na multiplicidade das diferenças, a ponto desses opostos perderem o sentido. Assim, a hegemonia do modelo jurídico não seria quebrada a partir da transcendência das relações de forças, mas através dos múltiplos significados produzidos (Butler, 1987: p.143-150).

Portanto, o conceito de sexo é trabalhado como um construto unívoco que serve como instrumento de regulação e controle social. Para se opor a tal perspectiva, Foucault trata esse termo como efeito, e não como origem. As categorias de sexo e diferenças sexuais são questionadas com a intenção de demonstrar que elas são construídas no discurso. Se o corpo não é determinado previamente, mas apenas a partir dos discursos, havendo apenas uma imposição histórica e um *self* que não é fixo, o conceito de subjetividade deverá ser acionado. Mas como definir esse conceito na teoria foucaultiana?

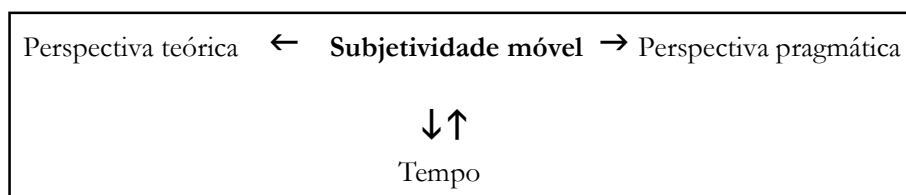
Toda subjetividade é uma forma que se desmancha por processos de subjetivação. A forma-sujeito é interpretada pelos saberes e poderes, mas a subjetivação transborda de forma abundante a subjetividade, que contém “uma reserva de resistência ou de fuga à captação de sua forma”. O conceito de subjetividade foucaultiano é formado tanto de uma perspectiva teórica quanto pragmática, já que diz respeito a uma forma de vida. A subjetividade expressa o

---

<sup>15</sup> Um hermafrodita francês do século XIX que teve os seus diários publicados por Foucault. Com cerca de 20 anos, Herculine foi obrigado a mudar seu sexo para ‘masculino’, tendo praticado o suicídio tempos depois.

que no sujeito, em seu núcleo, se relaciona com o mundo, com os objetos, existindo assim, uma relação com o tempo. Afirmar que há uma relação entre a subjetividade e o tempo, implica assumir que a primeira é móvel (quadro 04). Esta forma de conceber a subjetividade é oposta àquela definida por Freud – ligada a um inconsciente onde a temporalidade estaria conectada a uma estrutura pulsional praticamente invariante (Cardoso Jr.: 2005, p.344-345).

#### Quadro 04



Para Cadwell (2007: p.780-788), faltaria em Foucault uma resposta de como a reflexividade do *self* poderia ser ligada a um objeto categórico de seu saber e de sua formação que apontasse para novos caminhos da identidade e da ação moral-política, mas do que apresentar imagens negativas do *self* subjugado. Apesar de ter tentado responder essa indagação em seus últimos trabalhos, conectando a reflexividade do *self* com uma ontologia ética de sua formação, a noção de criação do *self* através de uma '*estética da existência*' reproduz uma tendência oculta do voluntarismo, combinando toda a noção de agência com a flexibilidade do *self* através da ética de sua disciplina. Por descentrar o 'sujeito' moral e epistemológico do pensamento racionalista e humanista, Foucault parece remover os agentes humanos do palco central com uma aparente destruição desse sujeito. Essa aparente destruição desse sujeito epistemológico e moral da ciência e do racionalismo, e o ocultamento da ação social individual e coletiva dificultam, de forma excessiva, a disposição profícua de conectar agência e mudança.

Admitir que certas categorias não sejam suficientes para explicar o desejo, descentrando o sujeito moral e epistemológico não é uma tarefa fácil porque não se pode visualizar facilmente esse sujeito, mas porque esse sujeito se multiplica, e com ele, os sentidos que são criados para compreender a realidade. Assim, partir da teoria foucaultiana da sexualidade para explicar a confiança nas relações amorosas só é possível na medida em que esses múltiplos sujeitos e possibilidades forem levados em conta.

Em Cadwell (2007: p.769-781), para que pudesse haver mais clareza no argumento utilizado por Foucault de como os sujeitos se transformam em agentes dos *selves* através da criação dos discursos e das novas identidades do *self*, o autor deveria criar uma conexão entre agência, resistência, transformação do *self* e mudança. A agência tem uma tendência a ser tratada como um efeito exógeno

do discurso e do saber-poder. A ação intencional não é levada em conta em muitas noções de agência. Não se admite um *self* pré-discursivo. O anti-essencialismo vem acompanhado do anti-realismo, dificultando a possibilidade de compreensão de sua teoria. A noção de agência e mudança diz respeito ao desejo voluntarístico, erótico e ascético para ‘agir de outra maneira’, e não “uma visão moral ou uma missão política programática para fazer a diferença”. O legado de Foucault poderia ser re-conceitualizado como uma teorização do descentramento da agência através de quatro conceitos fundamentais: discurso; saber-poder; reflexividade do *self* (*self-reflexivity*) e personificação.

Ao invés de considerar a agência como um efeito exógeno do discurso e do saber-poder, criando-se um *self* pré-discursivo, tem-se uma reflexividade do *self* que surge num determinado discurso. Afirmar que as possibilidades dos agentes em relação ao desejo não se limitam às categorias binárias citadas anteriormente é uma forma de fazer a diferença, ou um tipo de visão moral que inverte a lógica das semelhanças com o intuito de defender as diferenças. Cabe então perguntar de que forma essas diferenças, ou conjunto de possibilidades acerca do desejo, na obra de Foucault, e da confiança nas relações amorosas, nesse trabalho, podem ser explicitadas.

O dispositivo disciplinar visa congelar a subjetividade numa identidade construída pela história sexual do indivíduo. Por estar inserida em um processo ou prática de subjetivação, a subjetividade não possui um mecanismo estático. Pode-se dizer que a diferenciação e a não identidade são características fundamentais dessa subjetividade (Cardoso Jr.: 2005, p.347). Segundo Balbus (1987: p.129), a luta contra a sociedade disciplinar deveria ser estabelecida a partir da negação de qualquer tipo de identidade, já que não existiria, para Foucault, nada de estável no indivíduo que pudesse servir de auto-reconhecimento e reconhecimento identitário. Neste contexto, nem o corpo serviria para tal finalidade, sendo também esse uma referência a ser destruída porque seria insuficiente na definição da identidade sexual<sup>16</sup>.

Negar o dispositivo disciplinar moderno da sexualidade, enfatizando que existem múltiplas possibilidades de definições do desejo não significa dizer que não possa haver um conjunto de regularidades reconhecidas nos discursos. Os processos de subjetividade não se encontram isolados do mundo social, mas são concebidos sob a sua influência. A regularidade não seria encontrada no corpo porque as definições relacionadas a esse corpo não responderiam a questão da identidade. Por outro lado, os discursos continuariam a produzir certo tipo de identidade, mais plástica e menos restrita. Foucault apontou para uma necessidade

---

<sup>16</sup> Segundo Balbus (1987: p.132), as armas femininas são roubadas na genealogia foucaultiana, impedindo as mulheres de compreenderem, de lutarem e de superarem o processo de dominação masculina em todo mundo.

urgente: descartar as categorias binárias utilizadas nas Ciências Sexuais como mecanismos de controle insuficientes à busca da resposta dos desejos.

### Considerações finais

A não-identidade do corpo, somada a uma subjetividade móvel sustentada nos discursos, levanta um mastro de incertezas. Que novos elementos serão apoiados ou sustentados? A que embarcação eles se referem? Ou, dito de outro modo: quais as traduções possíveis do sujeito a serem realizadas? Como a confiança nas relações amorosas pode ser interpretada nos estudos foucaultianos sobre a sexualidade?

Como o tema deste trabalho é confiança nas relações amorosas, o exemplo de fidelidade, utilizado por Foucault, será citado como instrumento reflexivo para pensar algumas possibilidades dessa confiança. Segundo ele, as possibilidades da fidelidade poderiam ser definidas das seguintes formas: a obediência às interdições; o controle dos desejos, ou o êxito da vigília de si, onde os atos em sua efetivação seriam considerados menos importantes na matéria da prática moral do que os movimentos contraditórios da alma; uma prática da fidelidade a partir da intensidade, reciprocidade e continuidade dos sentimentos, bem como a qualidade da relação que une o casal (Foucault, 1998: p.25); fidelidade como forma do aumento do controle de si mesmo;<sup>17</sup> um afastamento do mundo, se tal conduta se opusesse aos padrões normativos vigentes; imortalidade bem-aventurada ou a possibilidade de outra vida após a morte, etc. Em todo caso, não se deve simplificar uma ação ou ações com base em um valor, norma ou lei porque a ação baseia-se também na relação que o sujeito estabelece consigo mesmo (Foucault, 2006: p.213).

Muitas das formas de fidelidade propostas por Foucault baseiam-se em normas sociais vigentes que são reforçadas por um determinado conjunto de discursos ou práticas de sujeição produzidas acerca da confiança nas relações amorosas. Alguns desses conceitos são trazidos de um mundo bastante distante: a antiguidade. Tanto o discurso do estóico sobre o amor e a fidelidade como obrigação moral quanto à premência da felicidade epicurista estão presentes em muitos dos discursos que abordam o tema da confiança nas relações amorosas no contexto atual. As práticas de liberação também existem como um discurso que nega as práticas de sujeição e os mecanismos de controle.

Entender a ligação existente entre a sexualidade, a subjetividade e a obrigação de verdade foi uma das tarefas sugeridas por Foucault.<sup>18</sup> A relação

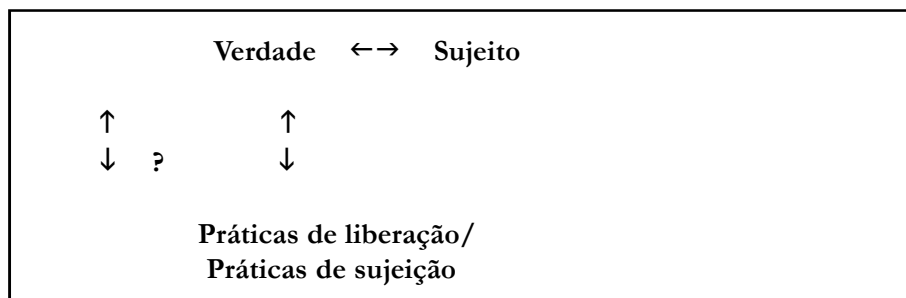
---

<sup>17</sup> “O termo *enkratēiano* vocabulário clássico parece referir-se em geral à dinâmica de uma dominação de si por si e ao esforço que ela exige” (Foucault, 1998: p.62).

<sup>18</sup> Segundo Foucault, este problema aproximava o seu trabalho ao de Richard Sennett.

entre a verdade, o sujeito e as práticas de sujeição foi um problema permanente em sua obra. As perspectivas adotadas sofreram mudanças, mas sempre buscaram compreender o que liga esses elementos (Foucault, 2006: p.97-289). No entanto, as práticas de liberação – pouco evidenciadas ou até mesmo sufocadas em seus primeiros trabalhos, deram outro tom à sua obra (quadro 05).

**Quadro 05**



A distinção entre saber e conhecimento, bem como a distinção entre vontade de saber e vontade de verdade; e a postura do e dos sujeitos em relação a essa verdade são questões que indicam possíveis direções tomadas (Foucault, 1997: p.13). O conceito de confiança nas relações amorosas pode então ser criado, em Foucault, a partir do confronto e reafirmação desses elementos e ações produzidos no discurso.

Os mecanismos de controle utilizados pela ciência médica, a angústia e possibilidade de escapar de suas garras é muito bem traduzido no filme *As horas* (*The hours*), de Stephen Daldry, baseado no romance de Virgínia Woof: *Mrs. Dalloway*. A personagem Virgínia (Nicole Kidman) se opõe aos mandos médicos acerca da melhor forma de tratar da sua doença, em Richmond (no ano de 1923) interior da Inglaterra:

“Minha vida me foi roubada. Não quero a calma sufocante dos subúrbios, prefiro o solavanco violento da capital. É minha escolha. Mesmo o mais humilde dos pacientes pode expressar sua opinião sobre o tratamento que lhe é dado. É isso que define a condição de ser humano”.

No mesmo filme, Laura Brown (Julianne Moore), mãe de Richard (Jack Rovello), tal como o confessorário explicitado por Foucault, declara a Clarissa Vaughan (Meryl Streep), pouco depois da morte de seu filho (em 2001), a sua incapacidade de se enquadrar nos moldes convencionais de mãe e esposa:

“...seria ótimo dizer que me arrependi...mas o que significa se arrepender quando não se tem escolha? É o que se pode agüentar. É isso. Ninguém vai me perdoar. Era a morte. Eu escolhi a vida”.

Para não cometer o suicídio, decidiu abandonar Richard, um filho recém-nascido e o seu marido, indo morar em outro país. O que ela não confessa é o amor e o desejo que nutria por sua amiga Kitty (Toni Collete). A Los Angeles do início dos anos 1950 não perdoaria tais sentimentos. O isolamento foi à saída encontrada por ela.

Deve-se, ao mesmo tempo, questionar tanto o nível da produtividade tática da confiança nas relações amorosas, ou seja, os efeitos mutuamente produzidos do saber-poder, quanto o nível da integração estratégica ou, dito de outro modo, analisar a conjuntura e a correlação de forças necessárias à determinada estratégia de certo episódio que produz confrontos diversos. A confiança nas relações amorosas pode ser discutida, com base na perspectiva foucaultiana, a partir de dois conceitos: o desejo e a moral; levando em conta não só as práticas de sujeição, mas, sobretudo, as práticas de liberação. A confiança nas relações amorosas deveria ser tratada como temperança, já que a análise da arte erótica do mundo antigo aponta para uma estética da existência. Nas palavras de Caetano Veloso: “*Lutemos, mas só pelo direito ao nosso estranho amor*”.

## Referências

- BALBUS, Isaac (1987), “Mulheres Disciplinantes: Michel Foucault e o Poder do DiscursoFeminista”. In: SeylaBenhabib, Drucilla Cornell (org) *Feminismo como Crítica da Modernidade*. releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos.
- BUTLER, Judith (1987), “Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault” In: BENHABIB, Seyla& CORNELL, Drucilla. *Feminismo como crítica da modernidade*.Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1987.
- \_\_\_\_\_ (2003), *Da subversão do gênero à reinvenção da política. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- CALDWELL, Raymond (2007), “Agency and change: re-evaluating Foucaut’s legacy”. *Organization*, Vol. 14, No. 6, 769-791.
- CARDOSO JR., Hélio Rebelo (2005), “Para que serve a subjetividade? Foucault, tempo e corpo”. *Psicologia: reflexão e crítica*. v.18, n.3, Porto Alegre, Set./Dez.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENAU, Dominique (2004), *Dicionário de análise do discurso*, São Paulo, Contexto.
- FOUCAULT, Michel (1997), *Resumo dos cursos do Collège de France(1970-1982)*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_ (1998), *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal.
- \_\_\_\_\_ (1999a), *História da sexualidade 1: a vontade de saber*.Rio de Janeiro, Graal.
- \_\_\_\_\_ (1999b), *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro, Graal.

\_\_\_\_\_ (2000), "Nietzsche, a Genealogia, a História". In: *Ditos e Escritos*, Vol II. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro:Forense Universitária.

\_\_\_\_\_ (2005), *Um diálogo sobre os prazeres do sexo; Nietzsche, Freud e Marx e theatrumphilosophicum*. São Paulo, Landy.

\_\_\_\_\_ (2006), *Ética, sexualidade, política* (coleção ditos e escritos). Rio de Janeiro,Forenseuniversitária.

HACKING, Ian (2004). "Between Michel Foucault and Erving Goffman: between discourse in the abstract and face-to-face interaction". *Economy e Society*, v. 33, n. 3, 277-302.

HARTSOCK, Nancy (1990), Foucault on Power: a theory for women?". In: Linda Nicholson (ed.) *Feminism/ Postmodernism*. Nova York e Londres: Routledge.

LECHTE, John (2006), *50 pensadores essenciais: do estruturalismo à pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Difel.

MACHADO, Roberto (2001). Foucault, a Filosofia e a Literatura. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

MISKOLCI, Richard (2006), "Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência". *Estudos feministas*, v.14, n.3, Florianópolis, set./dez.

MORROW, Ross (1995), "Sexuality as discourse – beyond Foucault's constructionism". *Journal of Sociology*, vol.31, n.1, march.

SANTORO, Fernando (2007), *Arqueologia dos prazeres*. Rio de Janeiro, Objetiva.

## Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar uma discussão do conceito de confiança nas relações amorosas, dentro de uma perspectiva sociológica, partindo-se das contribuições de Michel Foucault. Para tanto, esse texto será dividido em duas seções: a primeira (I) versará sobre as formas de viver e a sexualidade no mundo antigo – para que se possa compreender as ligações e refutações efetuadas pelo autor entre a antiguidade greco-romana e a modernidade. A segunda (II) seção será destinada ao estudo da sexualidade moderna – estando subdividida entre: II.a) os campos de saber e os tipos de normatividade sexual moderna e II.b) a sexualidade e as formas de subjetividade.

**Palavras-chave:** sociologia; Foucault; confiança; relações amorosas.

## Abstract

The aim of this paper is to discuss the concept of trust in relationships, within a sociological perspective, starting from the contributions of Michel Foucault. This paper will present two sections: the first one (I) will focus on ways of living and sexuality in the ancient world – to understand the connections and rebuttals made by the author about the Greco-Roman antiquity and modernity. The second (II) section will be devoted to the study of modern sexuality – divided into: II.a) the knowledge fields and types of sexual modern normativity II.b) sexuality and the forms of subjectivity.

**Keywords:** sociology; Foucault; trust; relationships

